

DIFERENÇAS LINGÜÍSTICAS PRODUZIDAS POR DIFERENÇAS DE MODALIDADE DE LÍNGUA E DE TIPOLOGIA TEXTUAL

Juliano Desiderato Antonio
Departamento de Letras
UEM, Maringá, Paraná

Resumo. O objetivo deste trabalho é analisar as diferenças lingüísticas produzidas pelo fluxo de informação em textos de diferentes tipologias. As categorias analisadas são mecanismos para expansão das unidades de idéia, integração das unidades de idéia em sentenças e estrutura argumental preferida.

Palavras-chave: modalidade de língua, fluxo de informação, gramática funcional

Abstract. The goal of this paper is to analyse the linguistic differences produced by information flow in texts of different typologies. The analysed categories are devices for expanding idea units, integration of idea units into sentences and preferred argument structure.

Key-words: language modality, information flow, functional grammar

1 Introdução

Neste trabalho, as diferenças entre as modalidades de língua oral e escrita serão abordadas do ponto de vista das diferenças lingüísticas que podem surgir devido à maneira como a informação é processada mentalmente em cada uma dessas modalidades. Para isso, serão analisados textos das tipologias narrativa, entrevista e dissertação, nos quais serão levantadas algumas categorias que apresentam resultados distintos na fala e na escrita (mecanismos para expansão das unidades de idéia, integração das unidades de idéia em sentenças e estrutura argumental preferida).

2 Fundamentação teórica

2.1 Estrutura argumental preferida

A estrutura argumental preferida (EAP) é uma configuração dos argumentos mais amplamente utilizada pelos falantes. Segundo DU BOIS (1985, p. 349), “não é uma estrutura do discurso, mas uma preferência por uma estrutura sintática”. A EAP é composta por quatro restrições, duas de ordem gramatical (*evite mais de um argumento lexical por oração* e *A não lexical*) e duas de ordem pragmática (*evite mais de um argumento novo por oração* e *A não-novo*). A configuração dos argumentos do verbo na EAP é a seguinte: o sujeito intransitivo (S) e o objeto transitivo (O) são tratados de uma mesma maneira, ao passo que o sujeito transitivo (A) é tratado de forma diferente (DIXON, 1979).

Várias línguas já foram investigadas e apresentam essa configuração preferida dos argumentos. Podem-se citar como exemplo o sacapulteco, o francês, o espanhol, o inglês, o alemão, o hebraico, o quechua, o rama, o papago e o japonês (ASHBY e BENTIVOGLIO, 1993). Isso, para DU BOIS (*ibid.*), é uma evidência a favor da universalidade da EAP. No português brasileiro, também já há vários estudos que comprovam a existência de uma EAP: DUTRA (1987), NEVES (1994), CAMACHO (1996), PEZZATI (1996).

2.2 Fluxo de informação

O estudo da estrutura argumental preferida se insere no paradigma funcional dos estudos da linguagem (NEVES, 1994), que visa à análise da língua em uso. Tal análise não pode se restringir à descrição de formas lingüísticas, sem tomar como base as funções ou os propósitos assumidos por essas formas na comunicação humana. Nessa perspectiva, a descrição da gramática deve ser feita levando-se em conta parâmetros como aquisição e evolução, mudança e variação, cognição e comunicação, interação social e cultura, processamento mental.

Para a pesquisa da EAP, este último parâmetro, o processamento mental, é de fundamental importância, pois, foi com base em pesquisas de CHAFE (1980, 1985, 1987, 1988, 1992, 1994) e PRINCE (1981, 1992) a respeito desse assunto que DU BOIS (1987) demonstrou que o fluxo de informação ocasiona o aparecimento da EAP.

Segundo CHAFE (1980), a fala espontânea é produzida não num fluxo contínuo, mas numa série de breves jorros que expressam a informação que está sendo focalizada pela consciência no momento da enunciação. Esses jorros são chamados por Chafe de **unidades de entoação**. A identificação dessas unidades é feita com base em três critérios:

- entoação: a maior parte das unidades termina com um contorno típico de final de oração;
- pausa: a separação entre as unidades é feita por uma breve pausa;
- sintaxe: há uma tendência para as unidades corresponderem a orações simples.

A ocorrência de pausas entre as unidades, segundo CHAFE (1988), se deve ao esforço cognitivo despendido na mudança de estado de ativação da informação na mente do falante. Os estados de ativação da informação são três: **ativo**, **semi-ativo** ou **inativo** (1987). Chafe, no entanto, chama a atenção para o fato de que esses estados de ativação não se aplicam a toda a unidade de entoação, mas às idéias

das pessoas com relação a objetos, eventos e propriedades, geralmente expressos por sintagmas nominais, sintagmas verbais e sintagmas adjetivos. Essas idéias são chamadas por ele de **conceitos**.

Um conceito **ativo**, segundo CHAFE (1987), é o que está no foco de consciência do falante e que este julga estar também ativo para o ouvinte. Geralmente é verbalizado com pouca proeminência tônica e vem representado por pronominalização ou zero. Chafe chama um conceito ativo de **informação dada**.

Um conceito **semi-ativo**, por sua vez, é o que está na consciência periférica do falante (CHAFE, 1987), que tem um conhecimento prévio dele, mas não o está focalizando diretamente. Um conceito pode tornar-se semi-ativo de duas formas. Primeiramente, quando um conceito está ativo e depois sai do foco de consciência da pessoa, ele não vai direto para o estado inativo; durante algum tempo, ainda permanece no estado semi-ativo. Esse é o caso de conceitos já mencionados num determinado ponto do discurso, que só irão para o estado inativo se não forem mencionados novamente. A outra forma são os esquemas e *frames*. Quando se evoca um esquema ou um *frame*, tudo que está relacionado a eles entra no estado semi-ativo. Conceitos semi-ativos são chamados por Chafe de **informação acessível** e representam uma nova categoria na antiga oposição **informação nova x informação dada**.

Um conceito **inativo** é um conceito que está na memória de longo termo da pessoa, mas que não está sendo focalizado diretamente, nem está semi-ativo por ter sido mencionado anteriormente no discurso ou poder ser evocado por um esquema. Um conceito inativo é chamado por CHAFE (1987) de **informação nova** e, para ser ativado, exige mais esforço cognitivo do que um conceito semi-ativo. As pausas entre as unidades de entoação resultam desse tempo que o falante consome para levar um conceito do estado inativo para o ativo. Resulta também dessa maior dificuldade em ser ativado uma restrição que limita a no máximo um o número de conceitos inativos por unidade de entoação. Para CHAFE (1987, p. 32), essa é a base cognitiva de uma unidade entonacional, “a expressão de um único foco de consciência”.

2.3 Modalidades de língua

Textos produzidos na modalidade de língua oral diferem de textos produzidos na modalidade escrita devido a diferenças nos processos de produção da fala e da escrita. A fala depende dos sons, ao passo que a escrita depende da visão.

Segundo NEVES (1996), apesar de utilizarem uma mesma gramática, a língua oral e a língua escrita têm características diferentes e peculiares por divergirem quanto à função, às condições e ao processo de produção, às estratégias e ao acabamento formal.

As condições de produção dizem respeito à participação, ao tipo de realização e ao planejamento. Na fala, tem-se a participação de um interlocutor, ao passo que na escrita ele está ausente. A fala é realizada seqüencialmente no tempo real e a escrita é realizada globalmente. OCHS (1979) fala de quatro níveis de planejamento: discurso falado não planejado, discurso falado planejado, discurso escrito não planejado e discurso escrito planejado.

Com relação às estratégias de produção, pode-se dizer que a língua oral permite a alternância de turnos, o que não é possível na escrita, por ser produzida linearmente no tempo.

No tocante ao processo de produção, pode-se dizer que a língua oral dificulta o controle contínuo do falante sobre os enunciados já produzidos. O registro gráfico da escrita, pelo contrário, é um grande facilitador desse controle.

3 Sobre o *corpus* analisado

Para a coleta do *corpus*, foram adotados alguns critérios. No caso das narrativas, optou-se por um material que apresentasse o menor número possível de discrepâncias, para que eventuais diferenças nos resultados não pudessem ser atribuídas à existência de diferentes tipos de textos no *corpus*. Para que os textos de todos os informantes fossem sobre um mesmo assunto e fossem semelhantes em aspectos como extensão, conteúdo, etc., decidiu-se que a coleta dos dados seria feita a partir da exibição de um vídeo com uma história

que seria recontada pelos sujeitos da pesquisa (10 alunos do primeiro ano do curso de Letras). A opção pela narrativa proveio do fato de que, para a produção desse tipo de texto, o filme serviria como um *script* a ser seguido pelos informantes, o que permitiria a obtenção de um *corpus* bastante homogêneo. Para se evitar que houvesse influência das falas do narrador ou de personagens sobre a maneira como os informantes formulariam linguisticamente a história, a solução foi procurar um filme mudo, cuja seqüência de cenas fosse suficiente para a compreensão do seu enredo.

O vídeo escolhido foi “O pavão misterioso”, que se baseia em uma história do folclore nordestino de mesmo nome e que tem como personagens bonecos que representam seres humanos. Com duração de 9 minutos e 20 segundos, o enredo do filme tem como ponto de partida a chegada do protagonista à cidade onde acontecerão os fatos. Após conhecer o local e instalar-se num hotel, o rapaz vai a uma festa popular e conhece uma moça por quem se apaixona. Entretanto, o pai da moça proíbe o amor dos dois. O rapaz vai, então, a uma oficina e constrói uma aeronave em forma de pavão que utiliza para fugir da cidade com sua amada.

Logo após assistirem ao filme, os informantes contaram a história oralmente, gravando-a em fitas K-7. Em seguida, solicitou-se que a história fosse contada por escrito. Durante a redação, não foi permitido aos informantes ouvir a fita que haviam gravado, para que não houvesse influência do oral sobre o escrito.

Para a coleta dos textos conversacionais e dos textos dissertativos, utilizou-se o tema “privatização”. Primeiramente, pediu-se que os informantes (10 alunos do primeiro ano do curso de Letras) dessem sua opinião, diante de um gravador, a respeito do tema escolhido. Em seguida, solicitou-se que eles expusessem novamente seu ponto de vista a respeito do assunto, mas na modalidade escrita.

Os alunos só foram informados de que as entrevistas eram para uma pesquisa lingüística após a coleta dos dados, para que as gravações das entrevistas ocorressem da forma mais natural possível. A opção pelo tema privatização proveio do fato de que, na época da coleta dos dados, havia uma ampla discussão a respeito do assunto

nas universidades estaduais do Paraná. Assim sendo, os informantes poderiam imaginar que a coleta dos dados serviria para alguma pesquisa de cunho político, e não lingüístico, não se preocupando em demasia com a forma, e falando de forma espontânea.

4 Análise dos resultados

4.1 Mecanismos para expansão das unidades de idéia

Segundo CHAFE (1985), as unidades de idéia da língua escrita são mais complexas e extensas do que as da língua oral. Os mecanismos utilizados com essa finalidade são a nominalização e o emprego de adjetivos atributivos.

Por meio da nominalização, verbos e adjetivos abstratos são transformados em nomes, como em “... vai ao encontro de José”.

Tabela 1 - Nominalizações

Narrativas orais	0,70%
Narrativas escritas	1,30%
Entrevistas orais	2,60%
Dissertações escritas	6%

Os dados da tabela 1 confirmam a hipótese de Chafe. Em relação a todas as outras palavras do *corpus*, as nominalizações apresentam uma frequência de duas a três vezes mais altas na modalidade oral do que na modalidade escrita.

Os adjetivos atributivos transformam predicções em modificações, como no seguinte exemplo: “... atrás de seu grande amor”. Em oposição aos adjetivos atributivos, tem-se os adjetivos predicativos, como em “ela é famosa na cidade”.

Tabela 2 - Adjetivos atributivos e adjetivos predicativos

	Adjetivos atributivos	Adjetivos predicativos
Narrativas orais	62%	32%
Narrativas escritas	73%	27%
Entrevistas orais	58%	42%
Dissertações escritas	67,50%	32,50%

Assim como ocorreu com as nominalizações, os adjetivos atributivos apresentam uma frequência mais alta na modalidade escrita do que na oral.

4.2 Integração das unidades de idéia em sentenças

Para CHAFE (1985), a língua oral é caracterizada por um arranjo simples das orações, pois um texto oral não dispõe do mesmo tempo e das mesmas condições de produção de um texto escrito. Ainda segundo CHAFE (*ibid.*), a língua escrita apresenta um arranjo mais complexo de orações, como, por exemplo, o uso bem mais freqüente de subordinação.

Procurou-se verificar se isso ocorre no *corpus* desta pesquisa. Para esse fim, todas as orações foram quantificadas e agrupadas segundo as categorias **frase simples** e **frase complexa**. Nesta última, incluem-se a **parataxe**, a **integração** e a **hipotaxe**.

Segundo HALLIDAY (1989), a **frase complexa**¹ é uma seqüência de orações todas estruturalmente ligadas. Se duas orações, relacionadas entre si, em uma **frase complexa**, tiverem estatutos iguais, formarão uma **estrutura paratática**. Se tiverem estatutos

¹ O termo utilizado por HALLIDAY (1989) é *clause complex*.

desiguais, formarão uma **estrutura hipotática**. Dessa forma, para HALLIDAY (1985), na **parataxe**, as orações são independentes, não havendo modificação de uma pela outra. Já a **hipotaxe** se caracteriza por relações de dependência entre as orações e pela modificação formal de uma pela outra.

As orações adverbiais, que, segundo CHAFE (1984), preparam a moldura para o conteúdo da outra oração, foram, na quantificação dos dados, incluídas na **hipotaxe**, por representarem um dos tipos de expansão semântica da oração, o **encarecimento** ou **realce** (*enhancement*, em inglês). Nesse processo, ocorrem operações nas quais uma oração modifica a outra, fazendo referência a tempo, modo, lugar, causa ou condição.

Pelo tipo de relação que estabelecem, as orações completivas e adjetivas restritivas foram agrupadas sob o rótulo **integração**, já que são tão dependentes de outra oração que podem ser consideradas integradas a ela.

Tabela 3 - Frequência dos tipos de orações nas narrativas

	simples	parataxe	hipotaxe	integr.
narrativas orais	1,70%	61%	13%	24%
narrativas escritas	1%	55%	18%	26%
entrevistas orais	7%	26%	33%	32%
dissertações escritas	6%	24%	37%	35%

Como se pode observar pela tabela, essa hipótese de Chafe também se confirma no *corpus* da pesquisa, já que as formas mais simples de junção de orações (frase simples e hipotaxe) têm maior frequência na modalidade oral do que na escrita, ao passo que ocorre o contrário com as formas mais complexas de junção de orações: a hipotaxe e a integração têm maior frequência na modalidade escrita do que na oral. Segundo CHAFE (1985), na escrita, podem-se produzir

orações mais complexas devido a dois fatores: o maior tempo disponível para elaboração das orações e a editabilidade do processo de escrita.

4.3 A Estrutura argumental preferida

Nesta seção, são apresentados os dados obtidos a respeito de cada uma das restrições da EAP. Em seguida, são analisadas as diferenças encontradas em relação à modalidade de língua e ao tipo de texto.

4.3.1 Um argumento lexical por oração

Os dados apresentados na tabela 6 confirmam a restrição de no máximo um argumento lexical por oração, tendo em vista que uma frequência muito baixa de orações apresenta dois argumentos lexicais.

Tabela 6 - Número de argumentos lexicais por oração

	0	1	2
narrativas orais	58%	38%	4%
narrativas escritas	57%	38%	5%
entrevistas orais	70%	27%	3%
dissertações escritas	53%	41%	6%

Assim, pode-se dizer que orações como as dos exemplos (a) e (b) são mais comuns no *corpus* da pesquisa do que orações como a do exemplo (c).

(a) Ø Chegou na cidade. / Ele chegou na cidade. (nenhum argumento lexical)

SN- Ø

SN-pro

(b) O estranho viajante chegou na cidade. (um argumento lexical)

SN-lex

(c) O mecânico construiu o pavão voador. (dois argumentos lexicais)

SN-lex

SN-lex

A modalidade escrita, em geral, apresenta uma frequência um pouco mais alta de orações com um ou dois argumentos lexicais, fato que pode ser explicado pela maior capacidade de processamento mental de informação escrita, já que esta modalidade tem um processo de produção mais lento do que a modalidade oral (CHAFE, 1985).

4.3.2 A não-lexical

A restrição do A não-lexical confirma-se no *corpus* da pesquisa, pois, conforme pode ser observado na tabela 7, o argumento A é o menos utilizado na forma lexical.

Tabela 7 - Ocorrências lexicais em cada argumento

	A	S	O
narrativas orais	16%	31%	53%
narrativas escritas	19%	27%	54%
entrevistas orais	19%	31%	49%
dissertações escritas	19%	30%	51%

Pode-se dizer, portanto, que orações como as dos exemplos (a) e (b) são mais comuns no *corpus* da pesquisa do que orações como a do exemplo (c).

(a) O estranho viajante chegou na cidade.

S-lex

(b) Ele construiu o pavão voador.

O-lex

(c) O mecânico construiu o pavão voador.

A-lex

O-lex

Na modalidade escrita, os argumentos **A** e **O** apresentam uma frequência um pouco mais alta de ocorrências lexicais do que na modalidade oral. O argumento **S**, por sua vez, tem frequência mais alta de ocorrências lexicais na modalidade oral do que na modalidade escrita. Isso se deve ao fato de a escrita permitir um maior processamento mental da informação (CHAFE, 1985), ou seja, na escrita são mais comuns orações com verbos de dois argumentos do que na fala.

4.3.3 Um argumento novo por oração

A restrição de no máximo um argumento novo por oração é confirmada no *corpus* desta pesquisa. Como se pode observar na tabela 8, não há nenhuma ocorrência de oração com dois argumentos novos. Pelo contrário, a maior parte das orações não apresenta nenhum argumento novo.

Tabela 8 - Número de argumentos novos por oração

	0	1	2
narrativas orais	86%	14%	0%
narrativas escritas	82%	18%	0%
entrevistas orais	89%	11%	0%
dissertações escritas	82%	18%	0%

Dessa forma, pode-se dizer que orações como as dos exemplos (a) e (b) são mais comuns no *corpus* da pesquisa do que orações como a do exemplo (c).

(a) O estranho viajante chegou na cidade. (um argumento novo)

SN-novo

(b) Ele construiu o pavão voador. (um argumento novo)

SN-novo

(c) O mecânico construiu o pavão voador. (dois argumentos novos)

SN-novo

SN-novo

Deve-se ressaltar que, na modalidade escrita, há uma maior frequência de orações com um argumento novo do que na modalidade oral, o que demonstra, mais uma vez, a maior capacidade de processamento mental da informação na modalidade escrita (CHAFE, 1985).

4.3.4 A não-novo

A restrição do **A** não-novo também se confirma no *corpus* da pesquisa. Como pode ser observado na tabela 9, o argumento **A** é o menos utilizado na introdução de informação nova.

Tabela 9 - Ocorrências novas em cada argumento

	A	S	O
narrativas orais	5%	25%	71%
narrativas escritas	7%	29%	64%
entrevistas orais	10%	39%	51%
dissertações escritas	11%	17%	72%

Com base na observação desses dados, pode-se afirmar que orações como as dos exemplos (a) e (b) são mais comuns no *corpus* da pesquisa do que orações como a do exemplo (c).

(a) O estranho viajante chegou na cidade.

S-novo

(b) Ele construiu o pavão voador.

O-novo

(c) O mecânico construiu o pavão voador.

A-novo

O-novo

Um dado que chama a atenção na tabela 9 é a grande diferença entre as frequências do argumento **S** nas entrevistas orais e nas dissertações escritas. Pode-se explicar a alta frequência de ocorrências novas do argumento **S** nas entrevistas orais por esses textos representarem o discurso oral sem planejamento prévio. A introdução de informação nova pelo argumento **S** exige muito menos esforço cognitivo do que pelos argumentos **A** e **O**, pois o verbo apresenta apenas um argumento. Por outro lado, nas dissertações escritas, o argumento **S** foi muito menos utilizado para introdução de informação nova porque a escrita, que tem um processo de produção mais lento, facilitando o processamento da informação, permite que sejam utilizados meios mais complexos para apresentar informação nova no discurso.

5 Conclusões

Os textos produzidos na modalidade escrita têm unidades de idéia mais complexas e extensas, pela maior frequência de utilização de mecanismos como a nominalização, emprego de adjetivos atributivos e formas mais complexas de junção de orações.

Os textos produzidos na modalidade escrita também apresentam, em geral, uma maior frequência de argumentos lexicais e de argumentos novos do que os textos produzidos na modalidade oral. Segundo DU BOIS (1987), no discurso oral não planejado, introduzir um argumento com um referente novo é uma atividade que exige do falante uma quantidade excessiva de atenção. No discurso escrito planejado, que não foi pesquisado por DU BOIS (1987), introduzir um argumento com um referente novo parece não exigir tanto esforço cognitivo. A explicação para isso está ligada ao processo de produção da escrita, que, segundo CHAFE (1985), é mais lento que o da fala, permitindo que se processe uma maior quantidade de informação ao mesmo tempo.

A maior frequência de argumentos lexicais na modalidade escrita do que na modalidade oral está ligada à introdução de argumentos novos. Segundo DU BOIS (1987), a informação nova é

introduzida lexicalmente. Sendo assim, se na escrita há uma maior proporção de informação nova, também deve haver uma maior proporção de argumentos lexicais para que essa quantidade de informação possa ser introduzida.

Referências

ASHBY, W. J. & BENTIVOGLIO, P. Preferred argument structure in spoken French and Spanish. *Language Variation and Change*, v. 5, 1993, p.77-90.

CAMACHO, R. G. O papel da estrutura argumental na variação de perspectiva. In: KOCH, I. V. (org.) *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp, v.6, 1996, p. 253-274.

CHAFE, W. *The Pear Stories*. Norwood: Ablex, 1980.

_____. How people use adverbial clauses. *Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, v.10, 1984, p. 437-449.

_____. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al. (eds). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987.

_____. Linking Intonation Units in Spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988.

_____. The flow of ideas in a sample of written language. In: MANN, W. C. & THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse Description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992.

_____. *Discourse, Consciousness and Time*. The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, v. 55, 1979, p. 59-138.

DU BOIS, J. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985.

_____. The Discourse Basis of Ergativity. *Language*, v. 63, 1987, p. 805-855.

DUTRA, R. The hybrid S-category in Brazilian Portuguese: some implications for word order. *Studies in Language*, v. 11, 1987, p. 163-180.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: E. Arnold, 1985.

_____. *Spoken and written language*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

NEVES, M. H. M. *A estrutura argumental preferida em inquéritos do NURC*. Mimeo. 1994.

_____. Reflexões sobre a investigação gramatical: projeto GPF - grupo Sintaxe I. In: *Atas do 1º Congresso Internacional da ABRALIN*. Salvador: ABRALIN - FINEP - UFBA, 1996.

OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (ed.) *Discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979.

PEZATTI, E. G. Estrutura argumental e fluxo de informação. In: KOCH, I. V. (org.) *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp, v. VI, 1996, p. 275-299.

PRINCE, H. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981.

_____. The ZPG Letter: Subjects, Definiteness, and Information-status. In: MANN, W. C. & THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse Description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992.